



Boletim Conjuntural Semana 32/2026 – 06 de agosto de 2026

CAFÉ.....	2
MILHO	2
FRUTICULTURA - MUNICÍPIOS.....	3
LÁCTEOS.....	4
OVOS.....	5

O Boletim Conjuntural desta semana traz uma compilação de dados de produção, exportação e preços que desenharam um panorama do agronegócio paranaense.

Começando pela fruticultura, o setor ganha destaque como uma atividade de alta agregação de valor e ampla capilaridade no estado. Polos regionais consolidam a robustez financeira no campo por meio de culturas específicas, como a laranja em Paranavaí e Alto Paraná, a goiaba em Carlópolis, a tangerina em Cerro Azul e a uva em Marialva, provando que a diversificação e a especialização garantem expressiva geração de renda no espaço rural.

A colheita de café caminha para a reta final com bom desenvolvimento,

trazendo alívio aos cafeicultores com a primeira valorização de preços da saca após oito meses consecutivos de queda. Em paralelo, a recolha da segunda safra de milho segue mais atrasada em relação a ciclos anteriores devido à alta umidade e oscilações climáticas, embora o cereal tenha registrado uma melhora em suas cotações pagas ao produtor ao longo de julho.

Por fim, no campo das proteínas animais, o mercado de postura enfrenta um cenário desafiador: os produtores de ovos lidam com a compressão de margens frente à alta nos custos de nutrição e a uma forte queda nas exportações, impactadas por barreiras tarifárias dos Estados Unidos. Ainda neste segmento, as importações paranaenses de lácteos registraram crescimento, impulsionadas pela entrada de produtos argentinos, que dominam as aquisições, especialmente de leite em pó.

Boa leitura!



CAFÉ

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

A colheita de café no Paraná atingiu 77% da área cultivada no estado, segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral). Apesar do grande volume de chuvas registrado no período, os trabalhos em campo se desenvolveram bem, impulsionados por sequências favoráveis de dias secos.

O avanço da colheita ampliou a disponibilidade do produto regionalmente. Ainda assim, os preços reagiram em julho: a saca de café beneficiado subiu de R\$ 1.368,00 para R\$ 1.473,00, registrando uma alta de 7,7%. Trata-se da primeira valorização do mercado após oito meses consecutivos de queda. Apesar desse alívio, os valores atuais permanecem 6,9% abaixo do patamar de julho de 2025, quando a saca era cotada a R\$ 1.565,00.

Esse movimento de interrupção nas desvalorizações, mesmo diante do aumento da oferta, reflete o cenário observado nas demais regiões produtoras do Brasil. A recuperação nos preços é comemorada pelos cafeicultores, especialmente aqueles que investiram recentemente na expansão e

modernização dos cafezais motivados pelas cotações favoráveis das últimas safras.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Na última semana, a colheita da segunda safra de milho 2025/26 superou os 50%. Dos 2,9 milhões de hectares plantados neste ciclo, já foram colhidos pouco mais de 1,5 milhão de hectares, o que representa 52% do total.

As condições climáticas foram mistas nos últimos dias, com chuvas alternadas com períodos de sol. Em razão das precipitações, a umidade esteve elevada em algumas regiões e, com isso, a colheita não avançou ainda mais.

Na comparação com as duas últimas safras, a colheita ainda se encontra atrasada. No ciclo anterior, neste mesmo período, a colheita já superava 70% da área.

Já as condições de mercado para o cereal melhoraram no mês de julho. O preço médio recebido pelo produtor fechou o mês em R\$ 52,66 por saca de 60 kg, alta de 5% em relação ao mesmo período de



Boletim Conjuntural Semana 32/2026 – 06 de agosto de 2026

2025 e 2,6% superior ao registrado em junho.

Entretanto, o preço médio dos sete primeiros meses de 2026 é 6% inferior à média observada em 2025.

FRUTICULTURA - MUNICÍPIOS

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

A fruticultura paranaense é atomizada e está incorporada no campo em todas as regiões do estado, onde somente cinco municípios não foram captados cultivos comerciais de frutas em 2025, num universo de 399 totais.

Os vinte principais municípios produtores respondem por 50,7% da área, 58,9% das colheitas e 53,2% do Valor Bruto da Produção/VBP. (FRUTI/PR 2025: 56,2 mil hectares (ha); 1,5 milhão de toneladas (T) e R\$ 4,3 bilhões).

Sob a luz do VBP, Paranavaí, Carlópolis, Alto Paraná, Cerro Azul e Marialva lideram a atividade e somam 14,0 mil ha, donde colheu-se 440,1 mil T e geração de R\$ 1,0 bilhão brutos gerados que juntos responderam por parcelas de 29,2% na área, 36,9% na produção e 25,5% da renda bruta.

Há uma relação destas localidades com o VBP das principais espécies frutícolas exploradas no estado. Pela ordem: a Laranja é a primeira fruta em área, quantidade colhida e no VBP, onde Paranavaí e Alto Paraná figuram pela ordem da renda bruta. A Tangerina, quarta fruta no quesito renda está concentrada em Cerro Azul, no Vale do Ribeira, já a Goiaba – quinta fruta em VBP tem em Carlópolis seu polo irradiador; a terceira colocação para a Uva tem em Marialva, o principal produtor da vitácea.

O Morango e a Banana, segunda e sexta frutas em importância na geração de renda, têm os municípios líderes elencados entre o oitavo e o nono posicionamento neste rol.

Com 5,1 mil ha de pomares, produção de 178,4 mil T e VBP de R\$ 317,8 milhões, Paranavaí no Noroeste, é o principal produtor de frutas em área, produção e VBP, respondendo por 7,5% da renda gerada pela fruticultura estadual. A Laranja é o esteio e participa com 24,0% dos volumes e do VBP em relação ao estado, complementada por outras sete espécies frutícolas exploradas no município.



Boletim Conjuntural Semana 32/2026 – 06 de agosto de 2026

Alto Paraná, também no arenito caiuá, tem na Laranja o seu principal negócio no campo. Foram onze as fruteiras levantadas e nos seus 2,4 mil ha de pomares, colheu-se 96,8 mil toneladas e geração de R\$ 173,1 milhões de Valor Bruto. O município é o terceiro no total dos pomares e o segundo produtor estadual do cítrico com 13,0% da renda bruta no campo com a espécie e participa com 4,1% do VBP de toda a atividade frutícola no Paraná.

Cristalizado na Laranja, o cítrico abarcou 98,5% dos rendimentos financeiros da atividade nos pomares em Paranavaí e em Alto Paraná a hegemonia da fruta é de 98,1% do VBP municipal.

As duas comunidades abaixo são caracterizadas pela diversificação, apesar de cada uma delas com a predominância de uma fruta específica.

O Norte Pioneiro tem na Goiaba de Carlópolis em destaque, onde num universo de vinte fruteiras, a mirtácea dominou com 84,4% o VBP dos pomares do município. Os R\$ 253,1 milhões de renda bruta da fruticultura foram gerados pelas 57,3 mil T colhidas em 1,5 mil ha, com 6,0% de quinhão no VBP estadual do setor.

Cerro Azul, no Vale do Ribeira, com sua presença é de 3,9% do VBP no segmento em relação ao estado, mesmo sendo a Capital da Tangerina, tem outras dezessete frutas exploradas. O cítrico responde por 92,0% da área, 94,9% na produção e 85,8% VBP nos 4,4 mil ha, 92,9 mil T e R\$ 164,0 milhões movimentados dos pomares do município.

Com 3,2% de participação nos valores da fruticultura paranaense, Marialva, capital da uva fina, tem nos parreirais sua principal atividade, além de outras treze espécies produzidas. Com 542,0 ha explorados, um volume de 14,6 mil T colhidas e VBP de R\$ 137,4 milhões na soma da fruticultura municipal, a uva abarca 84,9% da área, 92,9% da produção e 94,7% do VBP dos pomares, indicando a potência da agregação de valor na viticultura.

LÁCTEOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo o Agrostat, as importações paranaenses de produtos lácteos somaram quase US\$ 20 milhões nos seis primeiros meses de 2026, um aumento de aproximadamente 16,5% em relação ao



Boletim Conjuntural Semana 32/2026 – 06 de agosto de 2026

valor registrado no mesmo período de 2025. A Argentina foi a principal fornecedora, com US\$ 12,5 milhões em embarques para o Paraná, seguida pela França, com US\$ 3,1 milhões.

A diferença mais expressiva entre os dois países está no preço médio dos produtos comercializados. Enquanto os lácteos argentinos foram importados a um valor médio de US\$ 3,31 por kg, os derivados franceses alcançaram US\$ 11,16 por kg, mais de três vezes o preço dos produtos argentinos.

No caso do leite em pó, as importações tiveram origem exclusivamente na Argentina e no Uruguai, com ampla predominância do produto argentino. No primeiro semestre de 2026, o Paraná importou US\$ 2,88 milhões em leite em pó da Argentina, ante US\$ 696 mil provenientes do Uruguai, a um preço médio de US\$ 3,43 e US\$ 3,48 por kg do produto, respectivamente.

OVOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

O mercado de postura no Paraná encerrou o mês de julho de 2026 enfrentando um cenário desafiador, marcado pela compressão nas margens do

produtor, alta nos custos de nutrição e recuo nos preços praticados em toda a cadeia de comercialização.

Conforme o levantamento da SEAB/DERAL, o preço nominal médio do ovo tipo grande ao produtor no estado alcançou R\$ 145,62 por caixa de 30 dúzias. Esse valor representa um recuo mensal de 8,3% em relação a junho (R\$ 158,88) e uma queda interanual de 3,3% quando comparado a julho de 2025 (R\$ 150,55).

Apesar dessa retração recente, o preço atual ainda acumula uma alta de 17,1% frente aos R\$ 124,40 registrados no início do ano, em janeiro de 2026.

Essa desvalorização observada em julho atingiu o menor patamar do ano nos três níveis do mercado e é explicada por uma combinação de fatores operacionais e sazonais. Do lado da demanda, houve um desaquecimento natural devido às férias escolares, somado à maior acessibilidade dos consumidores a outras proteínas animais.

Do lado da oferta, o mercado interno registrou um volume expressivo do produto. De acordo com a Pesquisa Trimestral de Produção de Ovos do IBGE, a produção nacional em 2025 atingiu o marco recorde



Boletim Conjuntural Semana 32/2026 – 06 de agosto de 2026

de 4,082 bilhões de dúzias — um crescimento de 6,1% em relação ao ano anterior —, somando quase 49 bilhões de unidades.

Mantendo o ritmo elevado, o primeiro trimestre de 2026 registrou a produção de 1,21 bilhão de dúzias, avançando 0,4% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Paralelamente à queda nos preços de venda, os custos de produção voltaram a pressionar o avicultor. O preço do milho no atacado paranaense atingiu R\$ 61,62 por saca de 60 kg em julho, com alta de 0,6% no mês e 2,8% sobre o mesmo período de 2025.

O farelo de soja, outro insumo fundamental para a ração, subiu para R\$ 1.873,18 por tonelada, registrando elevação mensal de 2,8% e alta anual de 3,9%.

Com o produtor recebendo menos pela caixa e pagando mais pela alimentação do plantel, a relação de troca deteriorou-se severamente: para adquirir uma tonelada de milho foram necessárias 7 caixas de ovos (alta de 6,1% em relação às 6,6 caixas de julho de 2025), enquanto para comprar uma tonelada de farelo de soja foram exigidas 13 caixas (contra 12 caixas

no ano anterior, alta de 8,3% em relação a julho de 2025).

No elo final da cadeia, a retração também foi sentida pelos consumidores. Na comparação de julho contra junho, os preços recuaram na granja (-8,3%), no atacado (-12,5%) e no varejo (-11,7%), onde a dúzia passou a ser comercializada a R\$ 8,94.

Por se tratar de um produto perecível, com validade média de 30 dias sob refrigeração, o mercado de ovos segue dinâmico e bastante sensível às oscilações de consumo. A expectativa para as próximas semanas é de que o fim das férias escolares e a retomada das rotinas tragam novo fôlego às vendas, impulsionando a recuperação das cotações no setor.

Exportações

O segmento da avicultura de postura no Brasil encerrou o primeiro semestre de 2026 enfrentando retrações significativas na pauta exportadora.

Impulsionado pela manutenção das barreiras tarifárias impostas pelos Estados Unidos, o setor registrou queda tanto nos volumes embarcados quanto no faturamento global, exigindo uma



Boletim Conjuntural Semana 32/2026 – 06 de agosto de 2026

readequação rápida no fluxo dos embarques de ovoprodutos e ovos para incubação.

De acordo com os dados do Agrostat Brasil, do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), as exportações do complexo ovos totalizaram 24.296 toneladas de janeiro a junho de 2026, representando um recuo de 27,4% na comparação com o mesmo período de 2025, quando haviam atingido 33.464 toneladas.

O faturamento acompanhou a trajetória descendente, somando US\$ 96,962 milhões, o que equivale a uma redução de 8,7% em relação aos US\$ 106,205 milhões obtidos no ano anterior.

A desaceleração reflete diretamente os desdobramentos de medidas comerciais externas. Em julho de 2025, o governo dos Estados Unidos anunciou a cobrança de uma taxa de 50% sobre diversos produtos agropecuários brasileiros.

Embora em novembro do mesmo ano algumas tarifas tenham sido revistas, o setor de postura permaneceu sobretaxado.

A medida interrompeu o fluxo de suprimento voltado ao mercado norte-americano, que vinha recorrendo às importações do Brasil para suprir o

desabastecimento interno provocado pelos surtos de Influenza Aviária (H5N1) iniciados em 2015.

Como resultado dessa política comercial, as vendas brasileiras para os EUA despencaram: de 15.224 toneladas (US\$ 33,178 milhões) no primeiro semestre de 2025, caíram para apenas 125 toneladas (US\$ 99.846) entre janeiro e junho de 2026, sinalizando reduções superiores a 99% em volume e receita.

O impacto pontual também foi visível nos dados do mês de junho de 2026, que registrou 3.037 toneladas exportadas (-58,8%) e receita de US\$ 14,141 milhões (-30,2%).

Apesar do cenário adverso no principal destino do ano anterior, o desempenho entre os estados exportadores apresentou dinâmicas distintas.

São Paulo manteve a liderança nacional, somando 7.815 toneladas e US\$ 40,448 milhões, embora tenha registrado quedas de 4,6% em volume e de 27,9% em receita.

O Paraná consolidou-se como o segundo maior exportador, contabilizando 3.748 toneladas (+10,3%) e US\$ 21,863 milhões (+30,9%), impulsionado pela



Boletim Conjuntural Semana 32/2026 – 06 de agosto de 2026

resiliência operacional e abertura de frentes alternativas.

Minas Gerais ocupou a terceira posição em faturamento (4.312 toneladas e US\$ 7,232 milhões; -42,3%), seguido pelo Rio Grande do Sul (3.309 toneladas e US\$ 12,985 milhões; +47,1%) e Mato Grosso (1.831 toneladas e US\$ 2,296 milhões; -77,6%).

Com o fechamento do mercado norte-americano, outros destinos internacionais ganharam tração no acumulado dos seis primeiros meses de 2026.

O Chile assumiu a liderança como o principal comprador de ovoprodutos brasileiros, importando 6.327 toneladas (+171,4%) e gerando US\$ 13,673 milhões (+116,7%).

O México posicionou-se em segundo lugar (3.201 toneladas; -41,6% e US\$ 17,364 milhões; -36,1%), seguido por Senegal (2.263 toneladas; +10,7% e US\$ 12,703 milhões; +21,5%), Emirados Árabes Unidos (1.859 toneladas; +28,1% e US\$ 2,355 milhões; +26,3%) e Japão (1.707 toneladas; +24,7% e US\$ 4,453 milhões; +39,4%).

No plano doméstico, a perspectiva para o setor segue ancorada no

crescimento da produção e do consumo per capita.

Segundo projeções da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a produção nacional de ovos deve crescer 4,1% em 2026, atingindo 64,800 bilhões de unidades, e alcançar 66,500 bilhões em 2027 (+2,6%).

O consumo interno por habitante deve avançar de 288 unidades (2025) para 301 ovos em 2026 (+4,5%), projetando-se 312 unidades per capita para 2027.

Para o comércio exterior, a ABPA estima um encerramento de 2026 na casa das 30 mil toneladas (-26,6%), antevendo uma recuperação de até 15% em 2027, quando os embarques poderão voltar ao patamar de 34,5 mil toneladas.